

"É Tempo de Repartir"

Vigília Nacional pela Criança



"É tempo de Repartir"

Vigília Nacional pela Criança
Ano de 1996

Em solidariedade com a missão Tapeporã junto ao povo Kaiowá

Coordenação Nacional do Trabalho com Crianças

Rua Espírito Santo, 1989 – Lourdes – 30160-032, Belo Horizonte, MG
Fone (031) 275-3172 Fax (031) 275-3008

Coordenação Nacional Trabalho com Crianças: *Regina Naefe Bretanha Junker*

Coordenação Nacional de Ação Docente: *Lúcia Leiga de Oliveira*

Texto: *Ana Cláudia Figueroa*
Zeni de Lima Soares
Meyre Machado

Desenhos (carta das crianças): *Holney Mendes*

Capa: baseada em ilustrações de Cláudia Moraes da cartilha *Nossa cara de índio*

Editoração: *Luiz Carlos Ramos*

Apoio: *Pastoral do Instituto Educacional Piracicabano*



É tempo de repartir

**Vigília Nacional pela Criança
em solidariedade com a
Missão Metodista Tapeporã**



IGREJA METODISTA

Coordenação Nacional do Trabalho com Crianças

1996



Índice

O que você deve saber sobre a Vigília	03
Natureza da vigília	03
Conhecendo melhor a questão indígena	04
Conhecendo melhor a missão metodista entre os povos indígenas ..	06
Conhecendo melhor a Missão Metodista Tapeporã	08
Estratégias para realização da Vigília	10
Como usar a cartilha das crianças	11
Usando a carta-partilha das crianças Kaiowás	11
Como agir no dia da Vigília	13
Sobre o tema da Vigília	13
Dicas para momentos da Vigília	13
Recursos	15
Receitas que podem ajudar	15
Músicas que podem ajudar	17
Bibliografia	17
Anexo: Das crianças kaiowás para as crianças metodistas	

O que você deve saber sobre a vigília

Natureza da Vigília

A Igreja Metodista, em campanha nacional, está convidada para realização de uma atividade especial por ocasião dos festejos em torno do dia da criança (12 de outubro). Como já vem sendo feita nos últimos três anos, realizaremos a Vigília Nacional pela Criança.

Para 1996, a proposta é de que a Vigília possibilite às crianças e adultos de nossas igrejas locais uma oportunidade de partilha com uma das missões indígenas da Igreja Metodista: a Missão Metodista Tapeporã, em solidariedade com o povo Kaiowá-Guarani.

O tema escolhido para essa experiência é a partilha *É tempo de Repartir*. Fundamentado na noção de solidariedade, estar junto, o tema deve ser vivenciado numa experiência de conhecimento mútuo entre as crianças de uma aldeia indígena e as crianças de nossas igrejas locais.

Num país que tem sua identidade marcada pela pluralidade racial, nós, comunidade cristã, devemos zelar para que as relações entre os diferentes grupos étnicos sejam de respeito mútuo e de integração. Aliando a idéia de partilha com a de prática solidária, estamos chamando nossas igrejas e crianças a assumirem uma postura de vida que procure respeitar as diferenças culturais que vivemos em diferentes partes do país, bem como reconhecer as muitas influências que essas culturas exercem umas às outras, configurando nossa identidade nacional.

Somos um país de muitas faces e na mesma intensidade, um país de muitas necessidades. A partilha como troca de conhecimentos e de recursos representa uma oportunidade de crescimento conjunto. Habitamos essa terra linda, muito abençoada por Deus nos recursos naturais. Da mesma forma que forças injustas procuram explorar esses recursos, nós devemos nos unir na certeza que é a partilha e a busca do bem comum para todas as pessoas que contrapõem essas forças que nos afastam da justiça e do amor.

Por isso, a experiência da oração é um momento importante na vida da Igreja, quando conversamos sobre nossas necessidades e pedimos a Deus que nos ajude e fortaleça. A Vigília Nacional pela Criança é uma oportunidade que toda Igreja Metodista tem para fortalecer seu compromisso com a infância brasileira. Especialmente este ano, temos a oportunidade de reforçar nosso compromisso com os povos indígenas, simbolizando nosso compromisso com a coleta e a partilha com a Missão Metodista Tapeporã.

Conhecendo melhor a questão indígena

O Brasil é um país enorme. Sua extensão territorial comporta os mais diferentes aspectos climáticos, de vegetação, de composição étnica. Esta riqueza é também nosso drama. A nossa identidade política, o que chamamos de cidadania, nem sempre garante a convivência pacífica entre as pessoas que vivem no Brasil.

Com relação à sobrevivência dos povos indígenas devemos zelar por algumas questões básicas:

·reconhecemos que a América, antes da chegada dos europeus, foi espaço de desenvolvimento de diversas civilizações;

·a América foi também cenário para um dos mais sangrentos processos de conquista, que causou o genocídio de povos inteiros e a destruição de muitas culturas. No Brasil, eram mais de 5 milhões no ano de 1500 d.C., hoje são em torno de 300 mil;

·todo esse processo foi acompanhado e legitimado pela omissão das Igrejas Cristãs e, infelizmente, em muitos casos com participação das mesmas.

Por isso é importante a consciência de que cada povo é sujeito e protagonista de sua própria história. Afirmar esta autodeterminação dos povos indígenas, no entanto, implica em entender a necessidade da garantia da posse da terra aos povos indígenas brasileiros. A terra é garantia da alimentação, da saúde, da alegria, da celebração, da memória das lutas de resistência e da esperança dos povos indígenas. Lutar pela terra é lutar pela vida pessoal e comunitária e por um futuro com dignidade.

Nas últimas décadas, os detentores do poder econômico e político investiram na desarticulação dos povos indígenas, no sentido de dominá-los e desapropriá-



Hoje os "índios" são poucos, por volta de duzentos mil.

los de seus direitos, assim como negam-se a demarcar e a garantir o pleno usufruto das terras. Devemos ter cuidado para não reproduzir essa mentalidade, muitas vezes apoiada pelos meios de comunicação e por nós mesmos, num processo de reprodução de idéias fruto de nossa ignorância no assunto.

A riqueza inigualável dos recursos naturais de nosso país, que por milhares de anos serviu de fonte de alimento e garantia de vida a centenas de povos nativos, hoje não somente se desconhece seu valor, como está submetida a um processo sistemático e contínuo de depredação. A riqueza das culturas indígenas de nosso país manifesta em sistemas de vida, nos valores, na medicina, na alimentação, na arte e na música, na história, na organização do espaço, não somente tem sido ignorada, mas também combatida até o extermínio.

Aos metodistas, que devem estar comprometidos com a vida e dignidade humana, é fundamental desenvolver o conhecimento da questão indígena começando por desenvolver maior interesse nas próprias missões metodistas e nas reflexões e atitudes que promovam a convivência pacífica, com dignidade para todos.



Em cada lugar destes, estes amigos e amigas nossos e dos "índios" estão aprendendo e ensinando, atendendo ao chamado de Jesus para amarmos os irmãos e irmãs como a nós mesmos...

Conhecendo melhor a missão metodista entre povos indígenas

Você sabia que a Igreja Metodista possui uma palavra oficial sobre a questão indigenista? É um documento que se chama *Diretrizes para uma Política Indigenista*. Pois bem, solicite à Sede Geral da Igreja uma cópia para você, caso você não conheça. Também a Faculdade de Teologia publicou, pela EDITEO, um livro chamado *500 anos: repensando a Evangelização Indígena*, onde, além de encontrar bons textos sobre a questão, você vai encontrar também o documento do Colégio Episcopal.

Basicamente nós metodistas afirmamos que, como criação divina, todas as pessoas têm direito à vida e somos chamados para preservar toda criação, ou seja, cuidar com amor e inteligência de tudo que há na terra. João Wesley certa vez declarou que os "indígenas" tinham vida mais exemplar que os próprios "cristãos"; ele estava inspirado na atitude dos povos que conheceu em relação a toda obra criada por Deus. A prática de Wesley era de respeito ao próximo dentro das diferentes culturas, na intenção de que todos tivessem direito à vida plena.

A Igreja Metodista no Brasil assume o compromisso de organizar seu esforço ministerial e os meios de que dispõe para que a sociedade como um todo conheça, respeite, valorize e defenda a diversidade dos recursos naturais e do sistema ecológico brasileiro e a diversidade das formas culturais dos indígenas. Reconhece que esta é uma atitude em defesa da vida e como tal, um compromisso de todos filhos e filhas do Deus da Vida. A riqueza de cada um dos povos é um patrimônio da humanidade e lugar de onde a sabedoria do Espírito de Deus manifesta-se. Pois "o cultuar a Deus se completa no oferecimento da vida em atos de amor e justiça (Ef 6.10-20; Dt 6.4-9; Sl 15)": Cânones da Igreja Metodista, *Plano para a vida e a missão da Igreja* item 1, p 15.

Reconhecendo o desafio da causa dos povos indígenas, principalmente em restituir a eles a dignidade de povos livres, possuidores de uma riqueza cultural singular, nos fazemos presentes, em missão de solidariedade, junto a vários



Os "índios" são gente forte que resiste com sua fé, esperança, tentando do jeito que dá celebrar sua dança, fortalecer seus costumes, retomar a sua herança.

grupos indígenas no Brasil: Macuxi, RR; Kanamari, AM; Kaiowá/Terena, MS; Tapeba, CE; Kiriri, BA; Krenak, MG; Pataxó, MG; Guarani/Tupiniquim, ES; Zuruahá, AM. Precisamos conhecer a história dos Povos Indígenas para que haja verdadeiro respeito por eles e para por fim ao preconceito e desrespeito aos indígenas, para que o Reino de Deus possa ser vivido por todos os povos.

O GTI (Grupo de Trabalho Indigenista) "Em 1983, o Conselho Geral transformou a Equipe de Apoio da Missão Tapeporã no Grupo de Trabalho Indigenista, baseado na percepção de que era preciso existir na Área Geral da Igreja, um grupo de pessoas que se envolvesse mais diretamente com a questão indígena". (*Repensando a Evangelização junto aos Povos Indígenas* – p 165.) Para fazer contato com este grupo escreva para: Davi C. Aragão – Rua Joaquim Teixeira Alves, 2214 – Dourados, MS – CEP 79801-016.

Também participamos do GTME (Grupo de Trabalho Missionário Evangélico), um órgão que reúne as Igrejas Evangélicas que possuem trabalho missionário entre povos indígenas. Como resultado dessa participação, algumas pessoas foram viver em aldeias, cooperando em diferentes atividades, aprendendo muito a partir da sabedoria própria dos grupos onde estão.

O GTME ajuda as igrejas a conhecer mais sobre a questão indigenista através de seu jornalzinho, o TUPARI, também através de cursos, encontros. Você pode receber o TUPARI, bem como pedir ajuda para o GTME fazendo uma campanha de defesa dos direitos indígenas em sua própria igreja: Grupo de Trabalho Missionário, Av. dos Trabalhadores, 3419 - Cx Postal 642, cep 78005-970, Cuiabá, MT, fone/fax (065) 3227476.

Neste paraíso, que era lar de muitos povos diferentes, dizem que moravam mais de cinco milhões de gentes. E cada povo vivia a seu jeito e tinha por todos respeito - muitas línguas e costumes nesta terra podiam ter.



Conhecendo melhor a Missão Metodista Tapeporã

Dentro da proposta de serviço da Igreja Metodista junto aos povos indígenas, aprovada pelo Colégio Episcopal, a Missão Metodista Tapeporã vem servindo ao povo Kaiowá-Guarani em diferentes atividades objetivando a sinalização do Reino de Deus manifestada em Jesus Cristo. A presença metodista em trabalho missionário junto ao povo Kaiowá em Dourados, Mato Grosso do Sul, se deu em diferentes fases desde 1923. Mas foi a presença do Rev. Scilla Franco, a partir de 1971, que iniciou programas que se desenvolveram e constituíram o que atualmente chamamos Missão Metodista Tapeporã.

A partir do trabalho em Dourados (Bororó para os Kaiowás), no Mato Grosso do Sul, a Missão Metodista começou a se envolver com outras reservas indígenas: Campestre e Pirakuá mais diretamente, Amambai, Jaguarí, Jaguapiré e Taquapirí mais esporadicamente, atendendo emergências na alimentação e saúde bucal.

Os programas de apoio, atividades desenvolvidas para apoiar através de recursos financeiros, técnicos e humanos, são desenvolvidos visando setores que apresentam maiores dificuldades dentro da comunidade indígena, sempre com a participação direta dos mesmos.

Em Dourados, a reserva indígena está ocupada por dois grupos: os Kaiowás e os Terenas. Atualmente a Missão Metodista Tapeporã somente atua na área Bororó, dos Kaiowás, com os seguintes programas:

1. **ROÇAS:** um grupo de 30 famílias gerencia despesas de manutenção de um trator cedido pela missão, auxiliando o processo do cultivo; para outro grupo de famílias, interessadas em cultivar sua própria roça, a missão cede um trator, sendo que o combustível fica a encargo dos interessados.
2. **ARTESANATO:** estímulo à produção através de mutirões, espaço também aproveitado para discussão de problemas vividos pela comunidade.



3. VACA MECÂNICA: projeto de produção de leite de soja que tem auxiliado no reforço alimentar infantil, evitando a desnutrição.
4. LAZER E ESPORTE: atividades de convivência, visando fortalecer laços comunitários.

Em Pirakuá e Campestre o apoio é dado através de programas na área da saúde: medicamentos e mutirões para saúde bucal apoiado pelo IALIM – Instituto Americano de Lins da Igreja Metodista, 5ª Região Eclesiástica. Também apoia-se processos de formação de liderança: estimulando participação em reuniões/ assembléias indígenas para organização da luta pelos direitos.

Sem dúvida, muitos detalhes e partilhas podem ser acompanhados por nossas igrejas locais. Vocês mesmos podem articular contatos mais permanentes. Os responsáveis hoje pelo projeto são: Pastor Paulo da Silva Costa e Pastora Maria Imaculada Costa, Rua Nespereira, 50 - Residencial Ponta Porã, cep 79900-000, Ponta Porã, MS. Fone/fax: (067) 4311636.



*É de um jeito bem simples que
constroem sua vida, fazendo
no dia-a-dia coisas pequenas
ser grandes!*

Estratégias para realização da Vigília

Pensa-se três momentos:

Sensibilização de nossas igrejas e crianças sobre a situação dos povos indígenas no país

Este momento será desenvolvido através de duas atividades básicas:

- estudo de uma cartilha em forma de carta-partilha com as crianças de nossas igrejas (veja em anexo);
- divulgação da campanha através de cartaz para toda a igreja (acompanha este material).

Vigília Nacional no dia 12 de outubro de 1996

A Vigília representa o espaço onde as crianças podem compartilhar com os adultos o que foi aprendido no estudo da cartilha.

Como dinâmica de inclusão de toda igreja local, as crianças:

- convidam os adultos a elaborarem conjuntamente uma carta-resposta às crianças Kaiowás,
- que será acrescentada à coleta em dinheiro que a igreja deve realizar para apoiar a missão Metodista Tapeporã. A Sugestão de desenvolvimento da Vigília acompanha este material.

Visita à Missão Metodista Tapeporã

Todos os frutos da coleta no dia da Vigília (a carta-resposta e outros recursos) devem ser encaminhados à Sede Geral da Igreja Metodista, para a Diretoria Geral das Crianças. Será, então, organizada pela Diretora Geral, Regina Junker, uma visita à Missão Metodista Tapeporã para levar, juntamente com um grupo representativo (inclusive crianças), a coleta feita em todo país.

Como usar a cartilha das crianças (anexo)

A carta é um jeito de contar sobre a vida e chamar a atenção para detalhes típicos do cotidiano. A cartilha, que vem em forma de carta-partilha, deve ser estudada com as crianças num momento criado especialmente para isso. Use sua criatividade e construa um ambiente propício: procure fotos, artigos, informe-se sobre o assunto. Prepare-se para ajudar as crianças no processo de conhecimento de uma realidade diferente.

A leitura deve ser vivenciada. Tanto a experiência do recebimento da carta como dos encaminhamentos preparatórios para a Vigília devem ser cultivados em espírito de solidariedade e como exercício para superar possíveis preconceitos.

Nossas crianças são convidadas a compreenderem as questões básicas sobre os povos indígenas, ajudando no processo de conversão dos adultos de nossas igrejas.

Usando a carta-partilha das crianças Kaiowás

O texto não traz nenhuma complicação. A leitura pode ser feita individualmente, em duplas ou até mesmo encenada (fantoques, teatro, etc). O importante é que a leitura esteja integrada numa atividade maior que possibilite às crianças um tempo para entender bem o assunto e construir idéias para a partilha.

A carta faz parte de um projeto de partilha. Por isso foi pensada para contribuir. Não somente queremos desenvolver a idéia de que é necessário fazer coletas de dinheiro, mas principalmente queremos conhecer os costumes e aprender dos valores e das experiências de vida do povo Kaiowá.

Uma brincadeira, um costume alimentar, uma dificuldade; são as situações do cotidiano refletidas e comparadas com nossa própria vida que irão proporcionar a experiência da partilha. Permita que as crianças vivenciem esses elementos presentes na carta-partilha através de conversas ou através de alguma dinâmica.

Para desenvolvimento da atividade você pode usar a cartilha “Nossa Cara de índio”, uma publicação da Imprensa Metodista feita sobre a questão indígena no Brasil especialmente para as crianças metodistas. Se você ainda não teve acesso à cartilha, peça à sede geral da Igreja Metodista. A atividade deve ter pelo menos três momentos:

- primeiro, uma oportunidade para conhecer o tema “povos indígenas”;
- segundo, uma oportunidade para refletir sobre a postura da Igreja Metodista como solidariedade junto aos povos indígenas;
- terceiro, a reflexão sobre os Kaiowás a partir da carta-partilha das crianças.

Explore a idéia dos costumes diferentes e como a convivência entre os povos pode mudar os costumes. Por exemplo:

- nós temos na nossa alimentação uma forte presença da mandioca e do milho, elementos herdados da cultura indígena;
- alerte as crianças sobre a importância de uma convivência pautada no respeito mútuo;
- reflita com as crianças sobre as dificuldades dos povos indígenas de aceitar a influência da cultura branca, porque traz doenças e limita o uso da terra.



*É as meninas vão crescendo e
o meninos também, e é dos
avós que recebem os mais
sábios segredos.*

Recursos

Receitas que podem ajudar

PÃO DE MANDIOCA

INGREDIENTES:

- ½ kg de mandioca cozida em água e sal, amassada
- 2 tabletes de fermento para pão
- 10 colheres de sopa de açúcar
- 1 colher de sopa de sal
- 3 ovos
- 1½ kg de farinha de trigo (aproximadamente)
- ½ litro de água morna

NO PREPARO:

Coloque numa vasilha os tabletes de fermento com a água morna. Junte o açúcar, o sal e os ovos. Mexa tudo para misturar e deixe por 10 minutos descansando.

Acrescente a mandioca e misture bem. Deixe descansar por mais 10 minutos.

Vá acrescentando a farinha de trigo aos poucos, amassando bem, até que a massa não esteja mais grudando na mão. Pegue uma bolinha pequena da massa e coloque num copo com água. Quando a bolinha boiar na água a massa estará pronta para amassar e enrolar os pães.

Coloque os pães na forma e deixe crescer num lugar seco e mais quente (o tempo para crescer vai depender do clima: se estiver muito quente ela crescerá mais rápido, se estiver muito frio ela demorará para crescer).

Leve ao forno para assar (aproximadamente 40 minutos).

BOLO DE FUBÁ DO TIPO PUDIM

INGREDIENTES:

- 1 xícara e ½ de fubá
- 4 ovos

Dicas para momentos da vigília

Alguns momentos podem ser desenvolvidos. Toda a vigília pode ser um processo de “redação” da carta resposta. Em cada momento da vigília seria redigido um trecho/parágrafo da resposta:

- um momento de oração específico pelas crianças kaiowás: elaboração de uma oração escrita ou desenhada pelas crianças com os adultos.
- um momento de lanche: comer juntos algo derivado do milho ou da mandioca recordando a herança indígena na nossa alimentação. Que tal um pão de mandioca e um bolo de fubá? (veja receitas mais abaixo no item recursos)
- um momento de partilha dos nossos costumes da vida: dar oportunidade às crianças de sua igreja documentarem (através de desenhos ou histórias escritas) suas brincadeiras e formas de estudo.

Lembre-se, todos os momentos devem ser criados pensando a participação do adulto junto com as crianças. Todo o material produzido na vigília deve ser reunido e enviado para a Sede Geral da Igreja Metodista, para a Diretora Nacional de Crianças, Regina Junker.

Os homens trazem a caça, as mulheres fazem a bebida e dançando e cantando partilham a sua alegria a noite toda e todo um dia...



*Os homens trazem a caça,
as mulheres fazem a bebida
e dançando e cantando
partilham a sua alegria
a noite toda e todo um dia...*



Recursos

Receitas que podem ajudar

PÃO DE MANDIOCA

INGREDIENTES:

- ½ kg de mandioca cozida em água e sal, amassada
- 2 tabletes de fermento para pão
- 10 colheres de sopa de açúcar
- 1 colher de sopa de sal
- 3 ovos
- 1½ kg de farinha de trigo (aproximadamente)
- ½ litro de água morna

NO PREPARO:

Coloque numa vasilha os tabletes de fermento com a água morna. Junte o açúcar, o sal e os ovos. Mexa tudo para misturar e deixe por 10 minutos descansando.

Acrescente a mandioca e misture bem. Deixe descansar por mais 10 minutos.

Vá acrescentando a farinha de trigo aos poucos, amassando bem, até que a massa não esteja mais grudando na mão. Pegue uma bolinha pequena da massa e coloque num copo com água. Quando a bolinha boiar na água a massa estará pronta para amassar e enrolar os pães.

Coloque os pães na forma e deixe crescer num lugar seco e mais quente (o tempo para crescer vai depender do clima: se estiver muito quente ela crescerá mais rápido, se estiver muito frio ela demorará para crescer).

Leve ao forno para assar (aproximadamente 40 minutos).

BOLO DE FUBÁ DO TIPO PUDIM

INGREDIENTES:

- 1 xícara e ½ de fubá
- 4 ovos

- 1 colher de manteiga
- 3 xícaras de açúcar
- 4 xícaras de leite
- 1 pires de queijo ralado
- 1 colher de fermento “royal”

NO PREPARO:

- Bater no liquidificador todos os ingredientes.
- Assar em forno quente.

Músicas que podem ajudar

Sugerimos as seguintes músicas do cancionero *Fazendo Festa – Canções para toda hora 2* (Belo Horizonte, Igreja Metodista, 1995 e pode ser adquirido na Sede Geral da Igreja Metodista): “Renascer na Esperança”, página 32; “Amor Repartido”, página 28; “Deus está em Qualquer Lugar”, página 31.

Também podem ser usadas as músicas: “Carnavalito de andar” (cancioneiro avulso); e Tempo Maior (Sérgio Marcus).

Bibliografia sobre os povos indígenas

A literatura sugerida abaixo é instrumento que pode ser usado para melhorar nossos conhecimentos sobre a questão indígena. Todas as obras citadas foram produzidas para pessoas leigas no assunto. Aproveite para enriquecer-se, evitando o desconhecimento que pode gerar preconceito. Boa leitura.

1. SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Organizadores). *A Temática Indígena na Escola: novos subsídios de 1º e 2º Graus*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.
2. KEMPER, Thomas e SILVA, Jaider Batista da. *Repensando a Evangelização junto aos Povos Indígenas*. S. Bernardo do Campo: EDITEO, 1994.
3. MORAIS, Cláudia. *Nossa Cara de Índio*. São Paulo: IMPRENSA METODISTA, 1994.
4. VÁRIOS. *Educação Escolar Indígena*. in: EM ABERTO. Brasília: INEP/MEC, 1994.
5. VÁRIOS. *Habitacões Indígenas*. São Paulo: EDUSP, 1983.
6. SOARES, Geralda Chaves. *Os Borun do Watu: os índios do Rio Doce*. Belo Horizonte: CEDEFES, 1992.
7. TUPARI. *Boletim Informativo do GTME*. Trimestral, Cuiabá, MT.
8. FRANCO, Scilla. *Minha Prece*. S. Bernardo do Campo: EDITEO, 1990.